TERÇA-FEIRA, 21 DE DEZEMBRO DE 1915

N.º 246, 5.—(368) 7.º ANNO

Preço 2 Cs.

Propriedade da empreza d'O ZÉ

DIRECTOR E EDITOR
ESTEVÃO DE CARVALHO

Redacção, administração e typographia
Rua do Poço dos Negros, 81

SECRETARIO DA REDACÇÃO
ARMANDO FERREIRA

Comp. e imp. nas *Officinas Graficas*
Rua do Poço dos Negros, 81

A GRANDE GUERRA

SCENAS DAS TRINCHEIRAS — Transporte de feridos

(Vêr o proximo numero d'O ZÉ, dedicado ao Natal)

CRONICA

Greves — A Academia — Um comicio prohibido — A crise das subsistencias — O banquete pro-aliados — A barriga nacional — O ultimo recurso do povo.

O sr. Afonso Costa tem sempre que se haver com *grèves* logo que sobe ao poder. De resto, desde a implantação da Republica é esta uma das industrias a que mais se tem ligado atenção, não havendo desde as costureiras aos estudantes, dos ferro-viarios aos sineiros de Braga, quem não formulasse as suas reclamações por este processo energico. No Porto rebentou mesmo a gréra geral e ameaçava alastrar para Lisboa, quando foi a questão solucionada. Em Lisboa ao despontar das *ferias do Natal*, a academia resolve... a gréve geral, em solidariedade com os estudantes da faculdade de medicina. Se bem que seja já de si curiôso, o facto dos estudantes de medicina estarem em gréve, não menos o é uma gréve de estudantes em... ferias. Se a greve é a auzencia ao trabalho, em ferias uma gréve deve ser constituida pela... ida ás aulas dos estudantes!

E, já que estamos em *maré* de reclamações, no domingo passado devia-se efetuar um comicio, perto da Rotunda, pela União Operaria Nacional, a proposito da questão das subsistencias, o qual foi prohibido por falta de documentos legaes.

No entanto é facil antever, e no conchego da familia advinhar o que se iria lá dizer ás barrigas esvazeados do povo lisboeta.

Que os óvos eram objectos de luxo, que o fiel amigo estava duma infidelidade de cruzado o quilo; que isto assim não póde continuar; que o governo é que tem a culpa porque não quer saber se o povo tem fome ou não. Que o peixe é para os ricos, a carne para os milionarios, o pão vae de balão a subir, a subir, feito de farinhas peores, e o leite anda de caza e pucarinho com a agua. E ainda a culpa pertencia ao governo de não haver batata, e o vinho subir de preço, porque a exportação e a importação são problemas que demandam um afincado cuidado e interesse.

Aconselhar-se-hia a gréve ao comer, ou então uma manifestação até debaixo das arcadas, onde as pedras frias, o sr. D. José I e o marquez de Pombal receberiam na *imobilidade da pedra* que os caracteriza as reclamações duma comissão nomeada, e diriam aos reclamantes que na auzencia do sr. ministro lhe comunicariam as palavras da comissão, prometendo desde já, por eles, *irem estudar o assunto*.

Ora tudo isto com o que se perderia um formosissimo domingo de sol e frescura, se concebe sem perda de passos, nem tempo, cada qual com a sua mulher e os seus filhos.

O que se devia ter feito era ter ido na sexta-feira, pelas 21 horas da noite até á porta do Teatro de S. Carlos, onde filas de automoveis descançavam *á sombra da noite*, e perante uns 300 convivas da mais alta aristocracia democrata pedir um remedio para as subsistencias deixarem de estar tão caras, tanto mais que todos os presentes eram dignos admiradores da barriga e dos petiscos, é claro, em honra apenas dos aliados.

A policia e a guarda republicana teria feito dispersar essa multidão de assalariados da Alemanha, que ali ia perturbar a digestão patriotica dos *superiores* portuguezes. E não tinha razão para o fazer. Se alguma coisa houvesse a prohibir era o proprio *banquete*, uma das muitas manifestações do *portuguezinho valente*.

Já todos sabem que a maior prova de consideração que se pode dar a alguem ou a alguma coisa, é para o portuguez, o banquete. O banquete, com todos os acepipes inerentes lauto de comestiveis e bebestiveis, vae das camadas burguezas, á alta e á baixa esfera.

A jantarada operaria, as hortas, as patuscadas do Ferro do Engomar e do Faustino do Cabo Ruivo, as caldeiradas, são para os burguezes, o *copo d'agua* nupcial, o banquete do Natal e Ano Bom com o competente peru, e para a alta nos banquetes e salsifrés onde se *tasquinham* as drogas do Marques ou do Benard e do Ferrari com um apetite muito pouco aristocratico, ceia volantes, *five ó clock teas* etc. Só ainda não ha banquetes funébres se bem que perto da ultima morada, as taboletas «*A' volta cá os espero*» indiquem o grande alivio ás maguas terrenas.

Ora o patriotismo portuguez tem estado á prova durante a guerra actual.

Vamos para a guerra—exclamaram uns,—é precizo pormo-nos abertamente ao lado dos aliados—diziam outros. Fez-se até uma revolução o 14 de maio—para desafrontar a nação e declarar a beligerancia á Alemanha, mas contudo não chegaram ainda as provas demonstrativas da estima lusitana pela cauza dos aliados. E surgiu então o ultimo argumento, o mais espressivo e vehemente: o banquête. Portugal representado pela maioria dos seus homens mais celebres durante 5 horas *comeu bem, bebeu melhor*, pelos aliados.

Mas porque se banquetearam os portuguezes? Porque a Inglaterra domina no Oriente, a Servia está salva, a Bulgaria vencida; porque a França ultrapassou o Rheno ao mesmo tempo que os cossacos investem contra as praças fortes do caminho de Berlim, porque a Turquia está dominada, os austriacos sob o jugo italiano, a Belgica redimida entôa a *Brabançone* de volta aos lares ás suas cidades...

Não. Portugal come e bebe, fazendo votos, apenas.

Portugal trincando as carnes, sorvendo os molhos que o *Francfort*—vejam lá: o Francfort—lhes forneceu, está ali, como... lutando par a par dos seus amigos, peito descoberto, intrepido e valente.

Por tudo isto é escuzado o povo que pretendia fazer ao domingo um comicio pro subsistencias, dirigir-se aos poderes publicos.

Esses tambem deram ás maxilas no banquete patriotico e não constatou que a vida estivesse cara. O recurso que esse povo tem, é deixar-se ir levándo, até findar pelo mizero pão e agua.

E quem sabe mesmo talvez, se esse processo não seria de mais seguro efeito: o pão de gesso e roubado, a agua aliviando-o de todos os males fornecendo-lhe gratuitamente um tifo que o levasse.

E... então que mais ha-de ser?

DOS POETAS

N'aquele "pic-nic" de burgezas,
Houve uma coisa simplesmentebel a,
E que sem ter historia nem grandezas
Em todo o caso dava uma aguarela.

Foi quando tu, descendo do burrico,
Foste colher sem imposturas tolas,
A um granzoal azul de grão de bico
Um ramalhete rubro de papoulas.

Pouco depois em cima d'um penhasco,
Nós acampámos, inda o sol se via,
E houve talhadas de melão, verdasco
E pão de lò molhado em malvasia.

Mas, todo purpuro, a sair da renda
D'esses teus seios como duas rôlas,
Era o supremo encanto da merenda
O ramalhete rubro das papoulas.

CESARIO VERDE

O "Zé" do Natal

No intuito de prestar uma homenagem aos nossos queridos leitores, resolvemos que o proximo numero seja aformozeado de forma a contentar os mais exigentes. Proprio do NATAL, dedicado á festa da familia, será um repozitorio modesto mas esforçado de literatura; incerindo contos e versos de varios autores celebres, e alguns dos nossos colaboradores, para o que desde já lhes pedimos a atenção.

Oxalá o nosso esforço e a boa vontade de apresentar um NUMERO de NATAL digno, seja correspondida pelos leitores, com a sua magnamina desculpa das nossas altas tentativas.

Ao preço continuado, sairá no dia 28.

Leitores e colaboradores: pensai no numero do Natal.

De ponta... e mola

Aragão.

Ha uma figura interessante na historia comtemporanea. O Aragão, aquele tenente que se imortalisou na i temerata carga dos dragões portuguezes, salvando a honra e o brio nacional, heroe pelos ferimentos, pelos feitos, esquiva-se á recompensa, ao galardeio dos seus conterraneos duma maneira absoluta.

Esquiva-se a manifestações, não aceita promoções honorificas, não quer espadas de honra... Cumpriu o seu dever. E é assim que ele interpréta o seu feito.

Talvez que se lhe perguntassem qual seria a sua melhor recompensa, dissesse: Ver a minha Patria honrada.

Mas não lho perguntam. Esquecem-no. Ele parte para a America, para a Escola de Aviação, talvez despenhar dalguns quilometros o seu corpo que as balas respeitaram.

E' tão interessante esta figura simpatica do joven tenente no meio dos que eram capazes de fazer... revoluções, combates para sendo heroes pedirem... nichos, logares, colocações!...

Pois não é?

Dia de reis

Pergunta-nos alguem se haverá socego no *dia de reis*. Ao principio estranhamos a pergunta mas depois decifrámos o enigma: Poderá haver socego no dia de reis... andando eles á pancada uns aos outros?

E quanto ao bolo, a fava é certa para o rei... da Servia. E que fava!

Arte e convicções

Parece que ainda este mez os anaes da arte em Portugal tem a registar um facto altamente bello e grandioso. O teatro da Republica renascido das cinzas, de pé um ano e pouco depois da sua catastrofe, irá sem duvida continuar as «seratas» artisticas, inolvidaveis que S. Luiz de Braga oferece á Lisbôa culta.

Apenas ha rumôres,—boatos sem duvida — que o teatro da Republica não resurgia, mas sim o teatro João Rosa.

Comentamos se bem que o nome seja justo; será para o pôr... á prova de fogo?

Rapôso

O incauto é sempre vitima da sua bôa fé. Quem lesse nos relatos das sessões parlamentares a interpelação do deputado Simões Rapôso sobre a questão dos estudantes do Instituto e Escolas Industriais, havia de o julgar um zeladôr de oficio...

Ora... o sr. Simões Rapôso, apenas, além de deputado e professor é... parente dum professor interessado na questão.

D'ai tanto ardor e... influencia!!

Banquête

Na 6.ª feira passada realisou-se um banquête colossal em prol dos aliados.

Isto é; mais uma manifestação do eterno espirito portuguez. Na impossibilidade de nos batermos ao lado dos aliados, não queremos deixar de manifestar o nosso amôr á sua causa.

Maneira de patentear esse afecto: Um banquête pacato, na mais amena convivencia, com champagne e discursos.

Afinal... tambem é uma maneira de nos *batermos*!

Aliadófilos de barriga!

Ecos da semana

Surgiu já o 2.º numero da Atlantida.

Um grupo de pensadores ilustres, animádos da melhor boa vontade, quizeram demonstrar a possibilidade de se fazer qualquer coisa de geito em terras portuguezas. A interessante brochura que têmos presente, repositorio de bela prosa em portuguez vernáculo e de versos metrificados, déve ser bem aceite pélo brazileiro amigo e péla dezenas de portuguezes, que já sabem lér.

E' possivel, porém, que a edição da Atlantida *dê um saldo negativo.*

Se assim suceder — é o mais certo...— restará um recurso aos inteligentes confeccionadores da Atlantida : *transformarem a sua publicação n'uma gazeta pornografica!*

Em Portugal — ninguem o duvide!—o sucesso da Atlantida *seria então retumbante!!*

*

Aproximam-se os dias terriveis...

Está quasi chegado o momento terrivel em que o padeiro, o leiteiro, o carteiro, o homem da carne, o dos jornaes, a mulher da fava rica, e quejandas entidades nos apresentam uns bilhetinhos retangulares com o nome e apelido e um sub-titulo que é sempre este: Dá as boas festas a V. Ex.ª.

E como o habito é uma segunda naturêza, ai do mortal que ouse afrontar as iras das entidades mencionadas e por mencionar, negando uma resposta em dinheiro, ás amaveis boas festas... *Será expulso do bom conceito em que era tido e passará a ser sovina, maroto, avarento, homem de maus sentimentos e malcreado...*

E depois segue o resto: o padeiro fornecerá o pão sempre duro, o leiteiro deitará agua no leite, o carteiro farte-ha ralar os figados á espera da correspondencia, os jornaes da manhã ser-te-hão entregues á noite e... assim sucessivamente.

Por isso eu, embrenhando-me na filosofia, dou-te um conselho, leitor amigo:

Não negues as broas a quem te as solicitar — embora tenhas de pôr no prego a camisa e as ceroulas...

O homem que ri.

Aos nossos colaboradores

Pedimos a todos os nossos amigos que nos enviem a sua estimada colaboração em harmonia com a quadra a atravessar, devendo faze-lo o mais breve possivel, quer em CONTOS quer POESIAS.

Em defesa dos artistas

Ver no proximo numero, artigo interesssnte de *João da Rua.*

O Estado... do Estado

Não está nada alterado, nem se nota
que possa haver qualquer alteração!
Ha *contos do vigario* e, no *esticão*,
gatuno de bom trato e bem janota.

A *postas de pescada*, a gente, *arrota*,
mostrando ser ricasso e ter brazão,
e, sobre o pano verde, um dinheirão,
o povo vai deixando na batota.

De ha muito que o Congresso, nas sessões,
em face dos governos desmembrados,
se ocupa na eleição de comissões.

E só a novidade, de *altos brados*,
é nunca mais haver perseguições.
é nunca mais haver dois separados!(.)
(.) Nem um.

Candido Torrezão (K K. To).

"Contos a vapor„

Hemorroidal

Conclusão

Efétivamente via-se uma luzinha ao longe. Fomos os dois até lá conversando muito animadamente. Depois de muito andar, com a barriga a dar horas, e a boca a pedir chuva, topamos a arcada que por sinal era uma casita onde apenas moravam uma velha e uns burros, seus parentes mais chegados. Eu e a cadela pedimos de comer e de beber e tudo obtivémos exceto comida por não nos podermos conformar com a que a velha nos ofereceu extraida da magedora dos parentes. Era o que ella comia. Desde que se afa-tara da povoação, familiarisara se com os taes parentes, seus unicos confidentes cá neste mundo de enganos. A melhor cama que consegui arranjar foi na magedôra, e, conformado com a minha sorte lá me fui metendo em vale de ceroulas.

Mas o diabo foi acordar altas horas da noite porque parecia que dentro em mim havia um relogio que, não contente com dar horas, marcava tambem minutos e segundos. Decedidamente era preciso mandar o relojio ao relojoeiro. Havia desarranjo na maquina do estomago. Levantei-me e fui em cata de algum osso que por um acaso a minha perdigueira poderia ter trazido. Risquei um fosforo e... oh! ceus; no chão, a um canto, estava um prato com um bom naco de toucinho já cosido e pronto. Não te digo nada; soube-me que nem galinha. Até lambi os dedos.

Deitei-me alguma coisa confortado e em meio minuto adormeci.Só acordei pela manhã ao som d'uma musica infernal. Era a velha que berrava e batia na cadela que gania e fugia. Levantei-me e fui a correr ao local do crime. A velha mal me viu, largou a vitima e veiu direita a mim:

— Então o senhor deixou a cadela comer o meu toucinho? Diga-me agora como hei de arranjar outro egual? Aquelle tinha-me oferecido a minha comadre que é bruxa e que eu punha nas minhas *almorrodias* e que me fazia muito bem.

....

Nesta altura o meu intrepido caçador vomitou quatro litros de uma mistura inter-estomacal ransosa e desmaiou-me nos braços.

Judex.

Bilhetes postaes insolentes

Meu excelente burguez.

Estás aflito com o peditorio do Natal, eu sei. E' o carteiro, o rapaz dos jornaes, o porteiro, o guarda noturno que te desejam as bôas festas *estendendo a mão.*

Tu aborreceste-te e odeias esse habito velho do Natal. Lá que te dessem as bôas festas, *te comprimentassem, dissessem coisas agradaveis para te lisongear estava bem. Lá que recebesses uma gratificação de 100 escudos em metal sonante do teu patrão estava bem. Lá que no sabado proximo, para festejar o rubicundo menino Jesus que nasceu ha uma data d'anos numa estrebaria, tu tivesses canja gorda a fumegar, e um* perú *rotundico com agriões em volta, docinhos e seu copo de vinho do Porto depois da pançada festiva, estava bem. Agora uma pessoa anda a ser incomodada por todos os* mélcatrefes— *padeiro, leiteiro, porteiro, carteiro—que levam uns versos de pé quebrado a desejar as* bôas festas... *a dois tostões, é uma iniquidade que a policia devia proibir.*

Anda grande fôna. *Faz as tuas reclamações e come socegado o perú.*

Teu inimigo ás ordens.

João Platão.

Carlos Leal

É um nome que subiu á popularidade, alguem que passa—um artista. Quando do seu regresso, d'uma longa e brilhante tournée pelo Brasil, onde tambem tem sabido impor o seu nome, Avelino de Souza, nas colunas do *«Album Theatral»* falou nos do Carlos Leal artista, do Leal Bohemio de saudosos tempos, brilhantemente nos apresenta o Carlos Leal d'hoje, um homem de bem, todo arte e familia.

É um dos mais notaveis panegiricos que até hoje se tem feito do actor, descendente d'uma familia fidalga. A paixão pelo theatro, arrastou o Carlos Leal á scena: é ilustrado, tem talento e modalidade artistica para dar e vender. É pena que tenha abandonado o genero dramatico onde se revelou um artista de poderosas faculdades. Recordemos a sua notavel creação do Cardeal no drama — **«A Feiticeira.»** Depois do saudoso mestre João Rosa, quem como Carlos Leal, nos deu tão notavelmente, *«O Custodia»* da Severa?

Tinha lances de emoção tão extraordinarios, que deixava na plateia a impressão de que ainda estava a ouvir o choro do João Rosa.

«Na noite do Calvario,» teve uma soberda creação. E quem assim se revelou um artista, teve que passar a abraçar o genero buffo, para não perecer á mingua.

Artistas temos, talves melhor que o estrangeiro, o paiz, é que não sustenta arte nem artistas.

Tenho aqui ao lado, uns jornaes do Brasil, onde Carlos Leal, tem artigos primorozos, dando-nos uma prova do seu talento.

Dentro d'alguns dias, vae aparecernos no Avenida, em um importante personagem, onde decerto, o publico, vae aplaudir o artista querido das plateias embora, com muita tristeza, o vejamos deslocado e a acamaradar na orgia de errados caminhos em que vegetam os artistas em Portugal.

Recebemos e agradecemos

Gente d'Algo

Com uma dedicatoria penhorante e imerecida, acaba o illustre e notavel homem de letras conde de Sabugosa, de oferecer a João da Rua, um exemplar do seu ultimo livro — **«Gente d'Algo».**

Quem como Sabugosa, tem um nome laureado e dos mais brilhantes entre os notaveis literatos, academico illustre, prosador iminente, com uma galeria inconfundivel de livros, que são a honra do seu paiz e das suas letras, não necessita dos pobres adjetivos deste obscuro escriba. Acima do elogio, da banalidade que em Portugal anda a esmo, encastoado na frase amavel, galante, está o nome do artista illustre da literatura que é o sr. Conde de Sabugosa.

«Gente d'Algo», um dos mais notaveis trabalhos dos ultimos tempos, provar veio — que em Portugal, ainda ha muito talento e artistas. Ser Conde, nada tem com o homem artista da estirpe do sr. Sabugosa. Agradecemos a oferta e falaremos.

*

Um metodo de treino para a LEGUA, por A. Correia Leal.

Conforme o seu titulo, é este um pequeno e interessantissimo volume de 90 paginas, que todo o homem de *sport* e mesmo os que o não são, devem comprar. Porque, esposto com clareza por um dos nossos campeões de pedestrianismo, verdadeiro atleta de corridas, ele resume em si todas as praticas sãs, que desenvolvendo o corpo purificam a alma.

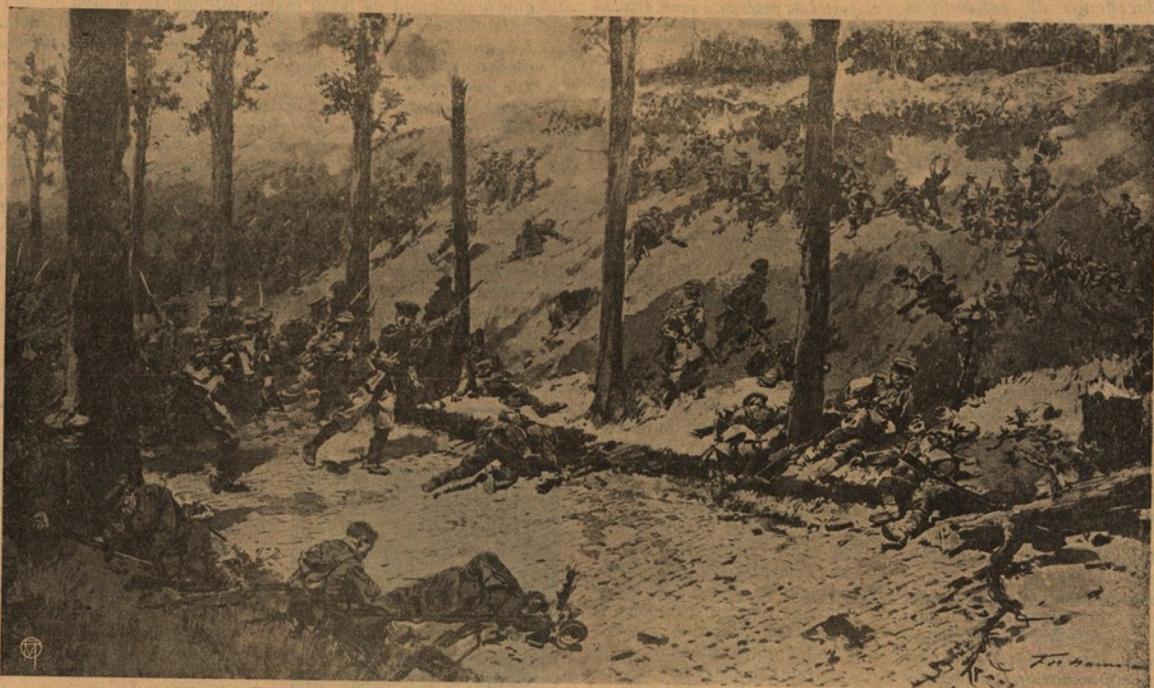
Em Portugal poucos livros originaes ha, de *sport* Emquanto no extrangeiro por todas as formas se impulsiona o desenvolvimento fisico, cá vegeta-se e imita-se estagnadamente. Por todos os motivos pois recomendamos o livrinho do sr. Correia Leal, alem mais da sua propria apresentação, bem impresso e com boas gravuras.

Agradecemos a oferta do *Sport de Lisboa.*

A atirar

Pensavas que eu me calasse
mas a vontade não faço
— Hei-de cantar o *Terrasse*,
o Tittel e o Colaço!

K. K. To.

A Guerra Europeia

O ataque da infantaria britannica á povoação de Loos, após o respectivo bombardeamento

Semana movimentada a que findou hontem. Vamos examinar sem mais delongas as diferentes frentes. Do Mar do Norte á Suissa os 4 milhões de homens em luta mantem-se quasi imobilisados defronte uns dos outros. Varios esboços de ofensivas de parte a parte, principalmente no meio da semana dos alemães, que acumularam esforços tirados do disponivel nos outros campos de batalha para retornar á ideia da posse de Calais. Lutas de minas, combates de granadas, conquistas de elementos do trincheira e vantagens activas das esquadrilhas aeronauticas francezas e inglezas nos seus reconhecimentos, combates, e vigilancias diarias.

Na Russia, esboça-se, fala-se numa retirada para uma 2.ª linha das tropas invazoras, abandonando aquela tão vitoriosa ofensiva que em vão conseguiu fim algum; — nem o envolvimento do exercito russo, nem a posse de Riga, mas apenas efeitos para aturdir os neutros.

E no entanto lá estão as melhores tropas e os melhores comandos.

Na ala esquerda alemã opera o marechal já historico Von Hindemburg.

A's suas ordens na Curlandia, de Riga a Dwinsk, Von Bolow dá os ultimos avanços contra aquela praça.

Von Eichorn tem o seu exercito ao sul de Dwinsk, até á região dos lagos seguindo-se o exercito do Von Sholtz até ao rio Niemen. Na região de Pinsk principalmente, o clima *insalobre* — dizem eles — forçará a retirada do aguerrido exercito germanico. Na região dos pantanos, está o grupo de exercitos sob a chefia do marechal principe Leopoldo da Baviera, na força de dois exercitos. Sobre o Styr, está o grupo de exercitos de Von *Linsingen*, tropas austriacas que se estendem até aos arredores de Dubno. Mais um grupo de exercitos sob o comando do arquiduque Federico da Austria, constituido pelos exercitos do general bavaro conde de Bothemer e Pflander, alem doutro em frente de Tarnopol, completam a grande linha invazôra que aterrorisou ha mezes os amigos dos aliados e agora está em completa defensiva senão em vesperas de ceder o que tão valentemente alcançou á custa de milhares de vitimas.

A Russia, dizem os optimistas conta breve com um novo exercito de um certo numero de milhões de armas, *bem* municiados, bem equipados, fornecidos de material pelos japonezes tambem, e que todas as probabilidades teem de levar o melhor em proximos dias.

Na *frente italiana* poucas modificações. E' preciso avaliar os milhares de metros da altitude da luta, o gelo, a neve, o frio, as intemperies para ajuizar bem e ver com a razão clara, a lentidão das operações naquela frente. Por isso Goritza ainda não foi tomada pelos italianos, por isso a sua marcha é moroza, espinhosa ardua. De resto é interessante ler a *Gazeta de Lauzane* sobre algo que diz respeito á luta nestas paragens.

Em setembro ultimo encontrava-me sobre a colina do X, a lente de cidale, de onde se domina Tolmino, nas proximidades e ao norte desta localidade distingo tres ou quatro edificios brancos e pergunto, muito admirado, ao meu guia:

— Que são aquelles grandes edificios que formam uma mancha branca nos prados de Tolmino?

— São quarteis.

Assestei o binóculo para os ver melhor.

— Mas os quarteis estão intactos, e, comtudo, acham-se ao alcance do fogo das suas batarias!

— E' verdade, mas só os destruiremos na última extremidade.

— Não comprehendo. Esses quarteis servem para abrigar tropas austriacas que podem alli repoisar tranquillameute; os seus soldados, pelo contrário, apenas dispõem de tendas; portanto, graças á sua generosidade os inimigos ficam, pela certa, em melhores condições.

— E' certo. Mas nós evitamos lançar uma só granada que seja sobre as construcções das localidades que havemos de occupar, salvo o caso de a tal nos vermos absolutamente forçados.

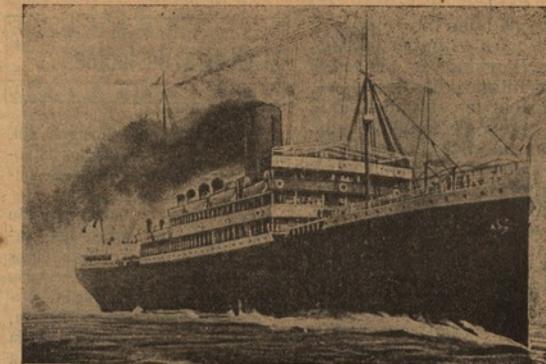
— Mas os austriacos certamente farão aqui o que fizeram já em Pozzacchio, na Valarsa, e em outras localidades: quando retiraram destruiram esses bellos quarteis.

— Pois que o façam elles. Estão no seu direito. Nós não os imitaremos nunca recorrendo ao vandalismo.

Effectivamente, em nenhum ponto da fronte vi quaesquer vestigios de bombardeamento de edificios da parte das tropas italianas, sendo portanto evidente que o seu alto commando deu instrucções n'esse sentido.

Em Goritza assistimos, durante dois dias, a uma mudança de disposições. A artilharia italiana começou a bombardear os jardins e alguns edificios nos arredores da cidade e onde os austriacos haviam collocado várias batarias. O alto commando hesitou muito antes de se resolver a derogar os principios que tinha adoptado e só o fez sob a pressão dos acontecimentos, para reduzir ao silêncio a artilharia inimiga que lhe estava matando os seus soldados. As tropas italianas têem-se abstido sempre de occupar as localidades quando a sua presença pode provocar que ellas sejam bombardeadas. Os austriacos, collocando a artilharia nos jardins de Goritza e na proximidade de edificios históricos sabiam bem que lhes provocavam a ruina; mas talvez contassem com a tendência dos italianos para poupar, a todo o custo, as povoações irridentas.

Goritza tem um número muito restricto de habitantes civis, quási todos slavos austróphilos. O exército austriaco estava alli muito á vontade. Recebia abundantes aprovisionamentos de toda a órdem pelo caminho de ferro e pelas estradas. Os italianos poupavam a cidade e os defensoree estavam em relativa tranquillidade. De Goritza os austriacos enviavam continuamente reforços para os fortes exteriores do Monte Saborino, do Monte Santo e para as alturas que dominam Podgora. N'estas condições a defeza d'esse campo entrincheirado era de tal modo fácil que os austriacos consideravam a praça como inexpugnável e riam dos esforços das tropas italianas.

Apesar de tudo, os italianos batem ás portas da cidade, e de tal modo têem disposto a artilharia pesada que o seu fogo reduziu ao minimo de efficácia o dos fortes exteriores de que acima falamos. As batarias italianas fazem um fogo tão poderoso e tão exacto, que não só muitas das trincheiras de primeira, mas até grande número das da segunda linha se tornaram insustentáveis. Os defensores d'essas obras não têem, por vezes, tempo material para fugir e quando a infantaria chega ao assalto encontra montões de cadaveres. A situação tornou-se tão critica para os austriacos que estes se viram obrigados a

O vapor italiano «Ancona» metido a pique por um submarino inimigo

A cidade de Monastir, na Nova Servia

concentrar a defeza na parte oriental da cidade. A retirada começou já. Sobre algumas alturas a leste collocando diversas batarias assestadas contra a cidade; mas a posição d'essa artilharia tem um valor estratégico minimo. Dir-se-ia que esses canhões foram alli postos, não para um fim defensivo, mas no intuito de bombardear a cidade, quando do seu abandono definitivo.

O tiro da artilharia pesada e a actividade da infantaria italiana contra o Monte Santo e contra Sabotino, aproveitando um sector morto que escapou á perspicacia do estado-maior austriaco, paralysaram quasi completamente a defeza exterior de Goritza.

O general Cardona, testemunhando em um boletim a sua admiração pelas proezas da brigada Sassari, revelou profundo conhecimento da alma dos seus soldados; não podia encontrar mais poderoso incentivo para excitar a emulação entre as suas tropas. O heroismo de que deu provas a brigada Perugia é a primeira demonstração dos benéficos effeitos d'esse estimulo. Em breve Goritza estará na posse dos soldados italianos.

Outra ação importante a Italia acaba de efetuar. Um certo numero de soldados, alguns milhares, desembarcaram na costa Albaneza. Os *bersaglieri* e alguns alpinos foram transportados em 50 vapores protegidos por navios de guerra. A' espreita, ameaçadôres, andavam os submarinos austriacos ha muito; contudo não se atreveram a atacar, nem com auxilio dá propria esquadra que saiu de Cataro propositadamente para... retirar sem combater ante os barcos italianos. O «V 5» foi até ao fundo do mar.

Resta a frente Servia, ou antes grega pois como já se sabe, é em territorio do governo helenico que os aliados se concentram depois da sua heroica retirada das ultimas linhas de defeza na Servia, ante a ofensiva desesperadissima dos exercitos austro-bulgaro-turco-germanicos.

As ultimas noticias dali registam a declaração formal do sr. Skoulandis, chefe do governo grego, que em caso algum consentirá a entrada das tropas bulgaras em territorio helenico. Por outro lado os alemães ameaçam fazer a erupção sobre Salonica que os aliados completam na defeza. Diz-se que esse ataque só se fará depois do Natal, contudo a logica indica que os austro-alemães teem toda a vantagem em atacar com rapidez, pois dia a dia o desembarque de novos contingentes reforçam os aliados. E' tambem o desejo dum ultimo esforço cordenado, como seja a ofensiva sobre Dunkerque, a ofensiva tentada na região de Dwinsk e uma ação rapida na Canal de Suez e Salonica, com o fim de atacar no espirito dos aliados em favor da paz e em

A invasão da Servia — O avanço da artilharia pesada alemã rodando sobre pranchões collocados nos terrenos pantanosos

condições boas momentaneamente para os imperios centraes. Portanto é provavel que os ultimos dias do ano sejam ferteis de combates vigorozos, postos em cheque pela resistencia eficaz dos aliados.

No Caucazo ha paralisação quasi geral, bem como nos Dardanelos para onde tambem se anuncia uma ofensiva breve turca, e na Mezopotamia egual equilibrio de forças depois do recuo inglez que já constatamos, ás portas de Bagdad.

No Montenegro é desesperada a resistencia do pequeno exercito do rei Nicolau contra os austriacos que lentamente apenas penetram no paiz.

No Canal Suez esboçou-se um primeiro ataque turco contra o *Egipto* que foi repelido eficazmente pelos inglezes.

Não peorou pois a situação para os aliados; estamos antes em frente de novas situações, modificações profundas que só o tempo no seu decorre rindiferente deixará antever. Sejam quaes forem elas, o certo é que, os aliados só teem a ganhar com o tempo, pois é o seu melhor aliado.

A Alemanha pelo contrario o que deseja é o maximo de efeitos... em menos tempo... *pour epater*.

Recebemos uma interessante carta d'um voluntario, que se acha na «Front» que publicaremos no proximo numeros.

Numero de Natal

A sépia, *profusamente ilustrado* **e contendo alem de mais: Versos de João da Camara, Gomes Leal, Augusto Gil etc. Contos de Andersen, Brandão, Armando Ferreira etc. O ,Natal nas trincheiras' dupla pagina central e ,Opiniões sobre o Natal'**

Insere tambem um belo quadro

A adoreção do menino Jesus

A Lyrica no Colyseu

No sabado proximo, está em festa o colyseu das Portas de Santo Antão, com a inauguração da notavel companhia que este anno nos apresenta o talentoso emprezario Antonio Santos.

Vae ser um dos maiores acontecimentos artisticos dos ultimos tempos, pelo conjunto simplesmente estraordinario de grandes notabilidades que encorporam na companhia--uma das mais notaveis que tem cantado no Colyseu.

Alternadamente, farão a sua apresentação, as mais extraordinarias celebridades lyricas que ora se encontram com os theatros da Europa fechados por causa da guerra.

A marcação de logares por assignatura, tem sido deveras assombrosa.

Durante semanas sem conto, não haverá um só logar disponivel no Colyseu.

Critica de factos...

O sr. ministro das finanças vai, segundo afirmam os arautos da politica, reorganizar o sistema da contribuição industrial.

E' claro que os industriais vão pagar o que é de justiça que paguem, despejando nos cofres publicos grossa *massarica* que é necessaria para a manutenção do Estado.

A crise tremenda que nos sufoca, não impedirá que os pais da patria aprovem as medidas tendentes a arrancar á nossa debil industria o dinheiro para á governação, que sem dinheiro não póde manter-se.

Sofra a população as maiores privações; morra para aí na maior das miserias; passe embora fome e frio, arrastando-se neste mundo, cheia de piolhos e envolta em trapos, que o Estado não dispensa que cada cidadão lhe pague o que lhe é devido, segundo os seus meios.

E' preciso pagar a cada pai da patria, *trez mil e pico!*

Trabalham, justo é que lhes paguem.

O que não é justo é que o pais pague a esses senhores para fazerem leis que redundem em prejuiso do Estado e do povo e mesmo da sociedade!

A lei do afasta foi um bico de obra que não consolidou as instituições, nem lhe deu brilho.

Essa lei inquisitorial, foi afinal reconhecida pelo proprio autor, como uma coisa má.

O proprio sr. José de Castro não a quiz aplicar na marinha não obstante os srs. Leote e o Freitas apresentarem os seus trabalhos para se efectuar a tal limpeza...

Essa lei foi uma afronta ás consciencias e demais em prejuizo dos cofres publicos...

O parlamento devia fomentar a agricultura, o comercio, a navegação: animar o trabalho nacional, desenvolver a industria. Mas não!

Faz politica!

Urge completar a rede das estradas e das linhas ferreas.

Os turistes encontram dificuldade em transitar pelas nossas estradas que são verdadeiros e perigosos barrancos!

Se os governantes em vez de fazerem politica, fizessem adminitração; se em vez de criarem lugares, suprimissem os inuteis; se em vez de manterem uma clientela de devoristas, apenas mantivessem o pessoal indispensavel e competente, as coisas correriam melhor e a situação seria mais desafogada.

Já a monarquia mantinha uma multidão de inuteis. Na Republica aumentaram-nos e nem sequer fizeram uma seria selecção.

A incompetencia começa no parlamento, onde se sentam *ilustres desconhecidos*, alguns dos quais não só não teem o treino preciso para o exercicio das funções de legisladores, mas ainda lhes falta um curso superior!

Nunca em tempos idos se sentaram na camara alta pessoas que não tivessem um passado brilhante.

Que dirão Garrett, Jose Estevam, Fontes, Braamcamp, Vaz Preto, Camara Leme, Valadas, Rebelo da Silva, Pinheiro Chagas, Moreira Rey e outros que constituiam uma falange de homens cheios de talento e autoridade, se vissem hoje, nas cadeiras dos antigos pares, individuos de quem o pais nunca ouviu falar?

*

Os impostos no pais são variados e já não sabem o que hão de inventar para aumentar as receitas.

Nós temos um alvitre que apresentamos e póde ser aproveitado.

Ha em Lisboa centenas de *nicromantes* e algumas delas teem grande freguesia, chegando a fazer diariamente 20 e 30 escudos com os seus trabalhos *intrujácios!*

E' uma industria talvez peor do que a do jogo, porque no jogo perde-se ou ganha-se e na *nicromancia*, o cliente perde, e nunca ganha.

Mas visto que essa industria se exerce abertamente, justo é que as *nicromantes, sonambulas* e todas as *bruxas e advinhas* paguem contribuição pelo exercicio da sua profissão *intrujadora*.

Jean Jacques

Afinal?

Então, *ó mestre Afonso*, quando é
que se resolve a pôr *isto* a direito?
O tempo vai correndo e não tem geito
a fome por que passa o pobre *Zé!*

Não vê, *ó mestre Afonso* essa *ralé*,
esse povo que sofre, satisfeito,
já prestes a cahir, quasi desfeito,
sem se poder, de fome, ter em pé?!

Não vê que não ha ovos nem presuntos?
Pelas almas dos seus ricos defuntos
acabe, duma vez, tal situação!

Porque se a fome aperta o povo rûde,
então, *adeus ó vida .. haja saude*...
e temos outra vez *revolução!*...

Vid'Alegre.

Ecos artisticos

Os mascaras negras

Visitei o lindo salão Foz para ver um numero que me recomendaram como merecedor dos maiores aplausos, não só pela sua fina apresentação e trabalho, mas tambem pelo mysterio de que se rodeiam, encobrindo o rosto com a *loup negra*.

Escutei o trio Cristal, como tambem se anunciam, e gostei. E' um numero bom, apresentando uma perfeita colecção de copos de cristal, que fazem soar sob a pressão dos dedos humedecidos em aguas, e aparelho a que chamam *Cópophone*, dando um som mavioso, executando numeros de muita dificuldade.

Mas, que necessidade imperiosa levou o mysterioso grupo a esconder o rosto das vistas do publico, conservando sob o mysterio da mascara os traços da sua phisionomia, o brilho dos seus olhos?

Pertencem por acaso a familias distinctas extrangeiras, que a guerra impeliu para paizes estranhos?

São foragidos politicos, correndo mundo com um disfarce para se livrarem da violencia de uma lei de excepção?

Criminosos vulgares talvez, temendo a força, e procurando com os seus copos ganhar dinheiro para alcançarem a America?

Monarquicos ferrenhos que pretendem restaurar o throno, e se introduziram no nosso paiz... como musicaes?

Para que escondem o rosto?

Para que se apresentam em publico como *Os mascaras negras*?

Disseram-me então:

São portuguezes!

E os pobres, para alcançarem palmas aos seus irmãos, filhos da mesma terra, mascaram o rosto, porque um publico que enlouquece e grita de enthusiasmo ao aplaudir uma Bilbainita, ou uma coupletista hespanhola, fugiria do Salão Foz se visse anunciado o Trio Cristal como artistas portuguezes...

— Verna encontra-se em Setubal e Bellinis em Evora.

— Deixaram Lisboa, Bilbainita, Tina Desmet e Fontsolá.

Maximo Feio

Charadas

Em frase

E' na fabrica Aliança que eu tenho uma porção de argamaça. 2—2—.

AO MEU AMIGO VID'ALEGRE.

Tenho um brazão e tenho um titulo nobre na Allemanha—2—2.

Uma e Levos.

Tem muita sorte, e é formosa esta mulher—2—2—.

A patroa, tiranna nota e come o pão que por sinal é d'esta côr.- 2—1—1—

Alvaro de Carvalho — Porto.

Em frase

Então queria mergulhar a nota na bebida? Não vê que não é nenhum pedaço de pão.—1—1.

Quando eu ia no Atlantico, comprei um vintem de notas, com que depois ficaram matisados os canos do navio.—1—2—1.

Œdipo.

Electrica

Na espada está o javali—3—

Uma e Levos.

Sincopada

3—Se me der em paga uma moeda, levo o fardo de boa vontade.—2.

Œdipo.

Intercalada

—2—O canto para as bandas de «lá» é muito discutido —3—.

Alvaro de Carvalho — Porto.

Dupla

Quem é que me pode mostrar uma planta que dê por fruto um molusco. —4.

Œdipo.

Auxiliar

No, é laço? Não; é projeto.
Boa, é cobra? Não; é terra portugueza.
To, é do gato? Não; é vento.

Œdipo.

Telefonica

Trrrim. Trrrim.
Já arranjou o cacete?—1—
Arranjei.
Mande-me por este homem.—2—
Mando. Pode dizer-me para que é?
E' para bater em outro homem,

Alvaro de Carvalho — Porto.

Enigma tipografico

________ Devoção Consoante Nota Vogal.

Alvaro de Carvalho — Porto.

Em redor dos factos

Zecôxo

E' na morte que terminam todas as angustias d'esta vida cruel por que passamos, e é ali, na mansão do silencio sob dois palmos de terra que se esconde dos olhos do mundo o nosso corpo, e se reune, numa egualdade suprema, toda a humanidade.

Terminam á beira do tumulo os odios, as paixões violentas, e o sentimento da saudade é o unico que faz reviver o ente que foi procurar ao frio da sepultura o esquecimento de todas as miserias humanas, e o repouso para a sua consciencia ferida ante o esfacelamento d'este mundo em que nos perdemos.

Quem me diria ha um ano, quando apareci pela primeira vez sobre as taboas de um palco, levado pela mão do *Zecôxo* a agradecer as palmas de um publico pelo meu trabalho n'uma revista de parceria com o pobre Engracio, que hoje, a minha pena lançava sobre o papel estas derradeiras palavras de saudade e de homenagem ao despregado revisteiro, e que ele se sumira para sempre, deixando no passado da sua vida uma historia triste de miseria, uma profunda magua pelo muito que padeceu, e nem sequer uma censura para aqueles que o afastaram, o perderam, perseguindo-o e lançando-o na sua carreira de vertigem para o abysmo da fome!

Como é desprezivel este mundo, e como é repugnante esta humanidade.

*

Conheci a morte do *Zecôxo* pelo jornal a *Economia*, e nas palavras que ali encontrei, firmadas por J. P. Carmo, alguma coisa boa existe, que é a homenagem a um homem que trabalhou, que foi o braço direito da Empreza de Antonio Luiz Barbosa e filho, do Salão dos Anjos, e que uma outra empreza, tomando de arrendamento aquele Salão, com o nome de Empreza Oliveira & Filho, afastou do seu caminho.

Antonio Engracio era explorado como um ser desprezivel, mas pelo seu trabalho insano ganhava.

A nova empreza nem sequer esse pequeno ganho lhe concedeu, e impeliu o infeliz revisteiro para a miseria, cortando-lhe aquele labutar incançavel e productivo, que era a paixão de Zecôxo.

Conheceu a mais negra das situações, atravessou certamente periodos de angustias, tragicamente disfarçadas, para que não o soubessem aquelles que elle servira e aquelles que d'elle se serviram.

E quando a sua esforçada vontade abateu, porque maior que elle se ergueu a força poderosa da morte, *Zécôxo* tombou, levando para a cova a firmesa sincera do caracter e o despreso condemnavel dos que o exploraram.

Que importa, pobre amigo!

A terra escondeu-te hoje, vae desfazer o teu corpo. Amanhã seguir-te-há, no mesmo cortejo funebre, o resto do mundo, e no numero dos que hão-de seguir-te estão aquelles para quem foste um moço de recados.

Ahi onde descanças vão reunir-se mais tarde esses formidaveis tartufos, e no campo da egualdade, meu pobre Engracio, elles que mais valem que tu?

*

Segundo a *Economia* Antonio Engracio morreu ha uma semana, e o seu funeral realisou-se a expensas da *Voz do Operario*, tendo acompanhal-o meia duzia de modestos amigos.

Quer dizer, as emprezas, os actores, os socios nas suas revistas, todos que sugaram ao modesto escritor a sua imaginação productiva, abandonaram o corpo ao cuidado da *Voz do Operario*.

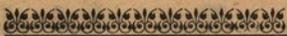
Que descance em paz.

No silencio da sepultura não escutará jamais o desmoronamento da sociedade que elle estudou e que criticou, e nem sequer sentirá o horror do dia, de amanhã, que pode ser de fome, e pode ser de miseria ainda maior...

Tendo conhecimento da sua morte pela *Economia*, do numero de 19 do corrente, não poude prestar homenagem ao meu colaborador n'uma revista que, de parceria, levamos á scena no theatro dos Anjos.

Deixo aqui, nestas pequenas referencias, o meu sentimento pela sua morte, e elle me perdoará.

Que descance, porque a vida não vale o muito que sofremos.

Vinicio.

Em defesa dos artistas

II

Quando soube iniciada uma campanha, por um notavel e erudito jornalista, nas columnas do *Seculo* da noite, lancei mão d'aquelle celebre invento do sabio Rosing—*O olho eletrico*, não para profundar os misterios da crosta da terra, mas para bem analysar as intenções duma campanha, filha dumas lérias escriptas por um autor dramatico, no auge do desespero, em presença do fracasso duma velha peça sua, que em reprise, abriu a época, com tanta infelicidade no theatro Apollo. Temos combatido e muito, o dramaturgo em questão; acreditamos nos seus plagiatos tirados habilmente do theatro francez, no entanto reconhecemos que tem um relativo talento, que é um prolemista distinto e tão ricos estamos de homens de valor, que possamos assim atirar para as ortigas o sr. André Brun.

A minha ingenuidade, ainda admitiu que o notavel jornalista, profundamente conhecedor das necessidades e mizerias em que se afunda dia a dia o theatro portuguez, mercê de tantos males, sendo o peior a orgia de erradas caminhos que de annos a esta parte traz transviados dos seus logares artistas de valor, a estiolarem-se no genero buffo, ia fazer uma revolução tão grande no theatro em Portugal, que Lucinda Simões, Adelina Ruas, tomavam o seu logar de direito no Nacional.

Que Palmira Bastos, agonisante em voz, entrava no genero da alta comedia, e com esse genio extraordinario que é Angela Pinto, pela mão da sua campanha vigorosa, sem o auxilio do formol e lysol, entravam em triumfo, com o colossal actor Chaby Pinheiro, essa celebridade incomparavel que é Ferreira da Silva, pelo Normal, a tomarem o logar d'honra que ali os chama o seu inmenso talento.

Isto é que era uma obra valorosa; isto é que era trabalhar em defeza dos artistas da nossa terra.

Vencida esta primeira étape, recomeçava a batalha para levantar da psicopatia que a vae matando lentamente, a sua Associação de classe; creava um club para artistas dignos de nelle se inscreverem, aonde encontrariam as mais importantes obras theatraes, os melhores jornaes e revistas de arte, que esse mundo culto produz. Lá teriam belos professores de linguas, habilitando-os a visitarem o estranjeiro para verem e aprenderem com as celebridades como se representa, porque a arte sublime de transmitir ao publico a obra do literato, demanda de requisitos transcendentes.

Ser actor, não basta mascarar o rosto e despejar o barril no proscenio — exige talento, mascara, genio e temperamento.

Com estes indispensaveis predicados, temos poucos, mesmo muito poucos comediantes!

Necessita o actor portuguez, de possuir na sua velhice, uma casa onde repouse, tal como a teem os francezes, uma das suas melhores instituições.

Muito se tem escripto sobre a construção d'essa casa em Portugal e afinal, como tudo nêste paiz, morre em projetos e palestra á banca de cafés.

Quando o notavel jornalista começou a trabalhar no *Seculo* da noite, tive a ilusão, de que embora tarde, tinha surgido alguem capaz de levar a cabo esta empreza e provar, que acima dos homens, estão as questões d'alto alcance social, das quaes depende a grandeza d'um povo, então no theatro, que é o espelho reflétor da autoridade moral e intelectual d'um paiz.

Trabalhar assim é que é defender os artistas dramaticos que atualmente possuem tudo do superfluo e nada do que lhes é indispensavel.

Sabe-se em Portugal que ha atores, porque os vimos no palco—nada mais existe no paiz que nos fale da existencia d'uma classe que tem na sua mão a transformação d'uma nacionalidade que tambem vive numa orgia desenfreada, pela mão da desordem e pelo braço da incompetencia!

Defender artistas, não é lançar mão d'um desabafo impensado e bater no autor desse artigo que, é um doente, para melhor—um atrabiliario.

E por esta defesa, fala-se já num banquete.

Paiz de barriguistas e idiotas.

João da Rua.

CARTAZ THEATRAL

NACIONAL — De dia para dia, augmenta o successo da linda farça—«D. PERPETUA QUE DEUS HAJA».

As enchentes, são a prova do successo do novo trabalho de Chagas Roquete.

A nova peça em 1 ato «A FREIRA DE BEJA», de Ruy Chianca, sobe em breve á scena.

TRINDADE — Quanto mais se ouve a revista de Schwalbach, mais se gosta do DIA DE JUIZO. Os proprios artistas, de dia para dia, primam no desempenho e, hoje em dia, ninguem ha a mil leguas da capital, que não tenha vindo á Trindade, dar um abraço ao Taveira emprezario.

GINASIO — Aos retardatarios, avisamos que vão muito adeantados os ensaios do PRIMO BAZILIO, comedia extraida do notavel livro do saudoso escriptor Eça de Queiroz. Quem ainda não viu a linda comedia — LA DONA É MOBILE, aproveite, porque não volta mais á scena.

EDEN — E' hoje que tem logar a première do novo quadro— *Agora que mais hade ser?*.

Garantimos que vae ser um successo, mais este explendido numero a engalanar a famosa revista—«O DOMINO».

Com os seus sete lindos numeros de musica, deslumbrante scenario, riquissimo guarda-roupa, nunca mais acaba a linda revista de Alberto Barbosa e Pereira Coelho.

APOLLO — Alcançou um ruidoso successo a opereta — «VIAGEM DE SUZETE».

Com o deslumbrante scenario que a veste, os admiraveis finais d'áto; riquissimo e lindo guarda roupa, belo desempenho e deliciosa musica, de esperar é, que o «APOLLO» tenha enchentes sobre enchentes com a VIAGEM DE SUZETE.

COLISEU DOS RECREIOS — Fechou para ultimar os trabalhos para a inauguração da notavel companhia Lyrica que, tem logar no proximo sabbado. Vae constituir um assombro artistico.

SALÃO FOZ — E' um nunca acabar de notabilidades artisticas, que a empreza apresenta no chic theatro de variedades hoje, o elegante salão que todas as noites é visitado pela mais notavel sociedade da capital.

VARIEDADES — Continua em pleno successo a opereta de costumes populares OS VARINOS.

Animatografos

Chiado Terrasse — A atual empreza, não descança em dar-nos as mais extraordinarias novidades do estrangeiro. O seu sexteto, unico no genero, continua a manter as suas tradições artisticas.

Olympia — O lindo cine da alta sociedade, é onde se exibem as mais sensacionaes novidades. Com os atrativos que apresenta, torna-o o mais querido dos animatografos.

Salão Central — Os successos, marcam-se pelas enchentes que são colossaes. Raro é o dia, que os cartazes, não indicam a estreia duma fita sensacional A musica classica que executa o seu sexteto, composto de notaveis artistas como João Passos, chama ali uma classe especial de publico.